



O HOMOEROTISMO NA LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE E REFLEXÕES SOBRE AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS NA HORA DO CONTO

José Francisco Duran Vieira (1)

Universidade Federal de Pelotas – jf.duran1963@gmail.com.

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Duarte Martins (Orientadora)

RESUMO: O sentimento homofóbico que permeia os meios sociais deixa rastros de violência e chagas físicas e mentais que ultrapassam as fronteiras racionáveis do sujeito. A escola tem um papel importante nesse processo de erradicação desse sentimento, principalmente por estar bastante envolvida, mas infelizmente ao mesmo tempo, emudecida. Outro olhar nas questões da sexualidade e principalmente da homossexualidade é crucial para pensarmos em vivências dentro da diversidade. Este estudo vem analisar como essa temática é apresentada dentro da literatura infantil em algumas obras publicadas no Brasil e também no exterior, sem fazer uma ordem cronológica e nem quantificar as edições que abordam esse tema, mas analisar como elas são apresentadas para o público infantil e questionar a ausência dessa literatura na escola. A pesquisa é bibliográfica de caráter qualitativa pautada na hipercrítica. Para isso, pretende-se realizar uma abordagem embasada na “arqueologia” de Foucault, na qual existe a necessidade de ver e rever conceitos e concepções herdadas socialmente e politicamente que influenciam nos estereótipos dos sujeitos e que, muitas vezes, determinam chagas preconceituosas, em que a escola não sabe ou não quer falar e ainda, impossibilita a discussão desse assunto para a infância.

Palavras-Chaves: Infância, Literatura, Homoerotismo.

INTRODUÇÃO

Aqui tenho o propósito de apresentar o projeto de pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Essa pesquisa surge a partir das minhas inquietações ao perceber, como professor de Matemática, especificamente de Didática de Matemática do Curso Normal, como a literatura lida com a heteronormatividade e suas implicações na escola. O sentimento homofóbico que transita na sociedade e, principalmente no ambiente escolar é muitas vezes emudecido por falta de ações e trabalhos que contemplem essa

discussão. A literatura infantil é uma forma entre outras possibilidades, de desconstruir conceitos e estereótipos heteronormativos impostos pela sociedade que determina a quem se deve amar, gostar, casar e formar família. E essa problematização passa (ou não) pela escola. Uma escola que deixa os corpos “fora” dos portões, que trata seus alunos como anjos (criaturas sem sexualidade como se isso fosse possível – andrógenos) e vai adiando para a adolescência discussões e convicções enraizadas e estigmatizadas que muitas vezes, em algumas pessoas, vão “habitar” um sentimento empregando de violência e ódio.



As histórias pouco contadas na literatura infantil

Alguns autores de forma prudente e divertida apresentam livros que expõem a temática da homossexualidade às crianças, mas poucos são brasileiros. As edições encontradas, muitas vezes, são direcionadas mais para o adolescente, isto é, infanto-juvenil. Mesmo assim, infelizmente, o poder público ainda possui um discurso na qual consideram que esses livros são para certo grupo de pessoas, livros de nicho, ou receiam alguma reação dos pais que, de alguma forma, querem dissimular a existência de homossexuais a seus filhos.

Para Utzig (2015, 20p),

A literatura gay não deve ser direcionada apenas ao público LGBTTT, mas o público leitor em geral, e deve ser vista como parte de um movimento de emancipação, conseguindo assim fazer com que a arte se alie, direta ou indiretamente, intencional ou não, à defesa de direitos iguais, a ponto de alcançar uma conscientização de cunho político-social, com vistas a minimizar o preconceito.

A família e a sociedade têm um papel importante nessa discussão, mas isso não descarta a falta de debate desse assunto no ambiente escolar, na qual se pontua tanto a inclusão, o respeito às diferenças e por um currículo que tenha como foco uma prática de significação, onde a cultura e as identidades se entrelacem como redes de conhecimentos num espaço híbrido e sem fronteiras. Para Silva (2001, p. 7) “vivemos num mundo social onde novas identidades culturais e

sociais emergem, se afirmam, apagando fronteiras, transgredindo proibições e tabus identitários”, mas isso não é o que acontece nas práticas escolares. A alteridade é vista como inimiga. Conforme descreve Bauman (1999, p. 62-63),

Existem amigos e inimigos. E existem estranhos. Amigos e inimigos colocam-se em oposição uns aos outros. Os primeiros são o que os segundo não são e vice-versa. [...] Os inimigos são a negatividade da positividade dos amigos. Os inimigos são o que os amigos não são. [...] São os amigos que definem os inimigos e a aparência de simetria é ela mesma um testemunho de seu direito assimétrico de definir. São os amigos que controlam a classificação e a designação. A oposição é uma realização e autoafirmação dos amigos. [...] A oposição entre amigos e inimigos separa a verdade da falsidade, o bem do mal, a beleza da feiura. Também diferencia entre o próprio e o impróprio, o certo e o errado, aquilo que é de bom gosto e o que não fica bem. [...] Ela faz a opção parecer reveladora da necessidade natural – de forma que a necessidade criada pelo homem possa ficar imune aos caprichos da escolha.

A escola evita conversar sobre homossexualidade, mas geralmente, não o faz. Esta temática deveria fomentar discussões e problematizar sobre a heteronormatividade imposta socialmente, talvez isso não ocorra porque o homossexual é visto com preconceito. Justamente nesse espaço que não deveria haver preconceito encontramos uma realidade bem diferente. A homofobia é notoriamente velada nas escolas.

Facco (2009, p 19):

Se a sociedade é constituída por uma diversidade de culturas, crenças, etnias, estilos de vida, entre outras variadas características, a



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

escola, por ser a representação de um microuniverso social, vai reproduzir todas as relações sociais, inclusive as práticas sociais de discriminação, em suas salas de aula, pátios, corredores, banheiros, enfim, em todos os espaços por onde circularem estudantes, funcionários em geral e professores. [...] Ainda que tenham surgido estudos focados nas práticas discriminatórias na escola, chega-se à conclusão de que, na maior parte dos casos, essa instituição não faz nenhum trabalho específico para buscar minorar o problema.

Explicitamente homossexuais são alvos de uma extrema violência inexplicável tanto física como verbal. Segundo UNESCO (2004, p. 144-146), "cerca de um quarto dos estudantes ouvidos, não gostariam de ter um colega de sala de aula que seja homossexual e, entre professores, a rejeição é explícita à homossexualidade, ainda que em grau menor". Diante da preconceituosa vivência escolar na qual alguns estudantes se envolvem, também encontramos muita carência de preparação da escola que muitas vezes, não respeita a identidade de gênero e não sabem ou nem reconhecem a existência, por exemplo, da Carteira de Nome Social - CNS, criada pelo Decreto nº 49.122, de 17 de maio de 2012, instituída para travestis e transexuais no Estado do Rio Grande do Sul, na qual foi pioneiro e assegurou o direito ao tratamento nominal aos travestis e transexuais nos órgãos e entidades do Poder Executivo deste Estado.

Além disso, nos deparamos também com a ausência de debates a respeito da homossexualidade por parte dos professores

em sala de aula. Neste ambiente escolar, onde deveria ser garantida a aceitação e a promoção da diversidade, encontramos pessoas que rejeitam os homossexuais, deste modo promovendo a homofobia.

Paralelo a isso, temos políticas públicas e intervenções de cunho religioso que projetam muros intransponíveis socialmente alicerçados em concepções de família e de valores que rejeitam outras possibilidades de formação familiar anulando inclusive a usufruírem direitos civis.

Para Butler (2015, p. 26),

Algumas pessoas acreditam que uma mudança nas normas sociais irá produzir uma forma de niilismo moral. Se existe o casamento gay, ou se é assegurado às pessoas trans o direito de mover-se e viver como queiram, isso levará ao "niilismo moral". A Igreja Católica em algum momento colocou que, se a homossexualidade for "aprovada", o que nos deixaria de "aprovar" o sexo com animais, árvores etc.? São todos argumentos históricos que se recusam a aceitar as mudanças profundas que ocorrem nas normas que ditam sexualidade e gênero.

A homossexualidade desperta um marcante sentimento repulsivo, atrelada à sexualidade, ela defronta, ela deflagra e transita no íntimo da espécie humana. Segundo Mott (2001, p. 40), os rótulos herdados denunciam e irrompem inclusive as mais baixas injúrias há mais de quatro mil anos, rotulando a homossexualidade com nomes desumanos, como: "abominação; crime contra a natureza; pecado nefando; vício dos bugres; abominável



pecado de sodomia; velhacaria; descarração; desvio; doença; viadagem; frescura, etc.”

A literatura pode vir como um viés multiplicador de outros caminhos e outras visibilidades, principalmente para a infância, através do uso da fantasia, da imaginação, com outras formas de amar, de constituir família. Dar uma visibilidade afirmativa que desestabilize verdades pré-concebidas. Só aí então, a homossexualidade passa de excêntrica e exótica para cultural. Como se refere Louro (2000, p. 87) “O corpo parece ter ficado fora da escola”, isso também remete a forma como as pessoas se dirigem as crianças quando são chamadas de “anjinhos”. Os anjos geralmente são representados sem a genitália ou com ela cobertos, na qual suas fisionomias dão mais a impressão de se tratarem de andrógenos. Isso me faz recordar da minha infância quando eu brincava com as bonecas de plástico de uma grande amiga e lembro-me de ter comentado com ela que as bonecas não tinham como fazer xixi. Como a imaginação, a fantasia e a criatividade são férteis nessa faixa etária, dávamos asas ao faz de conta, e as genitálias de alguma forma, sempre apareciam. A escola me recorda muito essas bonecas, ela não tem como fazer xixi.

Goellner (2013, p. 34),

As análises de Foucault revelam, por fim, ser possível e necessário problematizar o corpo, ou seja, estranhá-lo, colocá-lo em questão.

Problematizar, por exemplo, os significados e a valorização que determinadas culturas atribuem a alguns corpos, as práticas narrativas a eles associados, as hierarquias que a partir da sua anatomia se estabelecem. Enfim, suas análises anunciam serem infinitas as histórias sobre os corpos ainda que seja absoluta uma certeza: o corpo é ele mesmo uma construção social, cultural e histórica.

Historicamente, em sua trajetória os homossexuais herdaram marcas que introjetaram desde uma visão patológica a vivências marginalizadas e violentas na qual a mídia contribuiu para difundir como se fossem culturais. Praças, banheiros públicos, becos, cinemas entre outros locais, eram espaços ocupados antigamente e até hoje o são pelo público gay, que reforçam esse estereótipo e o colocam à margem do convívio social. Mas isso não é cultura gay, é uma marginalização de uma cultura, é uma cultura subversiva subsidiada através de uma mídia muitas vezes tendenciosa.

Cada vez mais a mídia e o apelo persuasivo para o consumo têm erotizado os corpos e isso tem chegado à infância. É notório que fica mais preocupante quando envolve relações entre um adulto homossexual e uma criança. Desconfianças e até insinuações de pedofilia atravessam essas relações. Essas marcas de comportamento difundidas como verdadeiras estigmatizam os indivíduos que acabam preferindo “se afastar das relações sociais, e até de si mesmo” (FACCO, 2009, p. 32). Torna-se uma necessidade urgente à



desconstrução e a ressignificação desses parâmetros, herdados e legitimados como uma conduta compulsória do sujeito homossexual, colocando-o num gueto social malévolo refletindo numa heteronormatização do sujeito gay e, com isso, as histórias apresentadas ou os personagens gays dessas histórias, nada mais são que personagens sem nenhuma representatividade. E é sobre isso que quero problematizar, trazer para pensar e refletir esse sujeito que, de alguma forma, tenta-se “naturalizar”.

Existe outro tipo de risco conforme Facco (2009, p. 182),

É que se institua uma forma “correta” de prática homossexual, palatável para a sociedade, segundo a qual os homossexuais, nos romances e contos, tenham relacionamentos semelhantes aos heterossexuais ideais, respeitando todas as “regras” ditas pela moral e os bons costumes. Sejam monogâmicos, responsáveis, independentes financeiramente, possuam excelente caráter, enfim, tenham comportamento impecável, sob pena de serem considerados promíscuos, tarados, perversos. Não digo, com isso, que não se deve escrever sobre relacionamentos homossexuais “certinhos”. O problema é escrever segundo esses moldes apenas para ser “tolerado”.

Algumas dessas representações perpassam por termos linguísticos que podem reportar para essa visão de “tolerância” e “naturalização” da homossexualidade. A palavra “homoafetividade” muito usada na mídia para referir-se a casais do mesmo sexo envolvidos afetivamente, também traz consigo essa carga hegemônica heterossexual. Criada pela desembargadora e jurista Maria

Berenice Dias para diminuir a conotação “pejorativa” que se dava aos relacionamentos homossexuais e para tratar do direito relacionado à união de casais do mesmo sexo, incorpora todos esses vícios sociais preconceituosos. Quando narramos uma relação afetiva entre heterossexuais, nunca nos referimos a essa relação, como sendo um envolvimento “heteroafetivo”, “antes de saber o que palavras significam, precisamos saber o que sentenças significam e para saber o que sentenças significam precisamos dominar a língua em que estão construídas” (COSTA, 1995, p. 71). A palavra “homoafetividade” está carregada de significados de intolerância política, social, moral e religiosa. Não existem relações “heteroafetivas”, os heterossexuais têm, socialmente, toda a “liberdade” de se relacionar, de ficar, de pegar, de beijar muito e de expor livremente esses sentimentos. Ao contrário um sujeito homossexual, se agir do mesmo jeito, ele perde toda essa “naturalização” que a palavra “homoafetividade” está impondo. É a heteronormatização do homossexual. Se fugir disso, é puto, veado, boiola, pedófilo, esses sujeitos estão à mercê de qualquer intolerância social.

Pontuar em todas as instâncias e, principalmente no ambiente escolar, a relação e as interpretações que fazemos não só apenas desse assunto, mas sobre sexo, gênero e



identidade de gênero, ajudariam a desconstruir esses olhares e repensar sobre o que queremos ser e como gostaríamos de ser representados. Assim como questionar também, quais são os modelos de família que queremos pertencer e considerar socialmente em termos legais.

A saga literária gay: uma visibilidade e um encantamento possível

Diante desse parâmetro busquei livros editados no Brasil que apresentassem personagens gays para a infância. Muito deles, para minha surpresa, eram infanto-juvenis. Os pouquíssimos encontrados trazem consigo representações de famílias homossexuais “certinhas”, dentro dos parâmetros da “homoafetividade”. Isso despertou ainda mais a minha curiosidade em saber como era tratada a temática, o assunto e qual o foco da história.

Não contente com o resultado numérico de publicações brasileiras, comecei minha pesquisa com edições realizadas em outros países, na qual constatei outras representações que remetem, não somente a essa família heterossexual hegemônica, mas a movimentos sociais que vem para reiterar a identidade gay diante da sociedade.

Organizei uma tabela com as informações contidas nas edições adquiridas (livros brasileiros e estrangeiros), no intuito de demonstrar o título do livro, o autor, ano de

publicação, o país, a editora, um breve resumo da história apresentada e uma análise crítica de toda a edição. Esta coleta bibliográfica, não pretende registrar cronologicamente as edições publicadas envolvendo o tema da homossexualidade nem quantificar o número de obras – brasileiras e estrangeiras –, mas ajudará na análise e na compreensão desta falta social que nos referimos e também analisar como esse tema é geralmente abordado para a infância.

Buscando o caminho metodológico

O meu percurso como professor e a utilização da literatura infantil como uma das ferramentas possíveis para viabilizar a disciplina de Didática de Matemática mais dinâmica e interdisciplinar no Curso Normal me forneceram pistas e também um alicerce teórico e prático para buscar um método na qual acredito que supere um simples caminho. Segundo Smole (1999, p. 12),

Integrar literatura nas aulas de matemática representa uma substancial mudança no ensino tradicional da matemática, pois em atividades deste tipo, os alunos não aprendem primeiro a matemática para depois aplicar na história, mas exploram a matemática e a história ao mesmo tempo. Interrogado pelo texto, o leitor volta a ele muitas vezes para acrescentar outras expectativas, percepções e experiências. Desta forma, a história contribui para que os alunos aprendam e façam matemática, assim como exploram lugares, características e acontecimentos na história, o que permite que habilidades matemáticas e de linguagem desenvolvam-se juntas, enquanto os alunos leem, escrevem e conversam sobre as ideias



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

matemáticas que vão aparecendo ao longo da leitura.

A pesquisa tem caráter qualitativo e pretendo seguir a abordagem na qual Foucault chamou de “arqueologia”, onde o método visa “escavar verticalmente as camadas descontínuas do passado a fim de trazer à luz fragmentos de ideias, conceitos, discursos já esquecidos e aparentemente desprezíveis [...]” (VEIGA-NETO, 1995, p. 21), desta maneira, retomar conceitos, discutir e analisar posturas políticas e sociais presentes nas bibliografias direcionadas para a infância e interpretar como esses estereótipos estão presentes nas literaturas.

O enfoque teórico atribuído à pesquisa está embasado nessa trajetória, nas minhas aproximações com as teorias pós-estruturalistas realizadas através da minha participação no Curso de Especialização sobre Educação de Surdos, como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado, ambos pela Universidade Federal de Pelotas e também, através dos projetos e atividades desenvolvidos nas escolas sobre a diversidade sexual, na qual busquei autores que me ajudassem a compreender, a aprofundar e a pensar mais sobre a inclusão do homoerotismo e como isso ocorria na literatura para a infância.

Algumas preocupações e indagações vieram à tona, conforme Facco (2009, p. 186),

No caso da literatura voltada para crianças e jovens, especialmente quando trabalhada nas escolas, a questão é mais delicada, pois há o envolvimento não apenas de educadores e das próprias crianças e jovens, mas também dos pais. [...] Provavelmente por isso, a maioria dos professores prefere nem tocar em um assunto tão delicado diante de seus alunos, e, se o fizerem, será de maneira bem suave, escolhendo livros (no caso dos professores de literatura) que falem sobre a questão indiretamente.

Esses ensaios interdisciplinares fizeram-me repensar o quanto à escola deixa de discutir, de viabilizar e oportunizar momentos para que esses corpos se expressem e assim “evitar o crescimento da *indiferença*, com certeza o mais desumanizante de todos os sentimentos que podemos experimentar em relação ao outro” (COSTA, 1992, p. 24). Mas para isso, é preciso falar, questionar e oportunizar o debate. Será que realmente não se fala em literatura gay nas escolas porque os professores acham que esse assunto é delicado?

Não existem livros de fácil acesso para que isso seja oportunizado. Por que diante desse contexto e da cresça preconceituosa na qual se divide os homens e as mulheres em “homossexuais” e “heterossexuais”, nos damos o direito de inviabilizar os prazeres desses corpos? Por que a escola se nega em falar desses prazeres? Por que as professoras e os professores não trabalham a homossexualidade na escola? Por que os livros disponibilizados para as escolas não contam histórias com temática homossexual,

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



principalmente para a infância? Por que não existem livros direcionados para a infância que contenham histórias com personagens gays? Por que não está ao alcance dos professores? Por que eles têm medo do tema? Por que não tem livro? Por que a escola não é lugar de falar de sexo? Eu poderia responder a essas perguntas através das falas das professoras e dos professores, mas vou responder através dos livros editados no Brasil e no exterior porque é uma pesquisa bibliográfica. Mas com certeza, vou deixar muitos questionamentos e inquietações ao leitor, mexer mais com as pessoas e ficar com infinitas perguntas do que respostas.

A metodologia pretendida para realizar o presente estudo perpassa por esse viés, pela qual a perspectiva ideológica sobre diferença e diversidade¹ serão analisadas, discutidas e incorporadas ao método desenvolvido e ao exercício do pensar, como também realizarei o esforço de me fundamentar teoricamente. Pretendo fazer uma revisão bibliográfica

¹ As diferenças são construídas históricas, social e politicamente. Diferença não é o contrário de igualdade. Não é sinônimo de diversidade. As diferenças são sempre diferenças. Não devem ser entendidas como um estado não desejável, impróprio, de algo que cedo ou tarde voltará à normalidade. Diversidade remete a uma norma “transparente” construída na sociedade hospedeira. A diversidade parte do reconhecimento, da aceitação, da tolerância para com o outro. - Curso de Capacitação na Área da Surdez oferecido pela UFPel/SME, em 2004.

fundamentada na perspectiva hiper-crítica de Veiga-Neto (2014, p 25), na qual ele salienta:

A hiper-crítica está sempre em movimento; não em busca de um ponto de fuga que seria o núcleo da Verdade e com base no qual fosse possível traçar a perspectiva das perspectivas, mas que simplesmente se desloca sem descanso, sobre ela mesma e sobre nós. [...] É, dado que não há um fundo estável, único, no qual firmar uma âncora, talvez a metáfora mais apropriada, nesse caso, seria dizer que a crítica foucaultiana não se amarra senão em suportes, sempre na superfície da história, são suportes provisórios, contingentes, mutáveis, como assim é a própria história.

Pretendo fazer o exercício de ir e vir de mim mesmo, através das práticas, das vivências e das teorias que alicerçam minha trajetória de professor e pesquisador, como quem quisesse “revisitar” a qualquer momento os “porões” segundo Veiga-Neto (2012, p. 278):

Para a maioria de nós, o “ir aos porões” não significa nos especializarmos acerca do que lá existe; significa apenas conhecer como se formaram historicamente as coisas que lá estão, independente dos nossos juízos de valor sobre elas. Tal conhecimento nos capacitará a estimular mais efetivamente o que julgamos ser positivo e defensável. Ao mesmo tempo, nos capacitará a combater os estereótipos e preconceitos, sempre tão comuns e danosos tanto para uma compreensão mais acurada e consequente dos fenômenos sociais – aí incluídos os fenômenos educacionais –, quanto para uma prática social mais justa e equitativa. Racismos (étnicos, religiosos, sexistas, etários) e homofobia são práticas sombrias que têm suas raízes nos porões.

Desta forma, pautado em Veiga-Neto, farei uma análise hiper-crítica das literaturas gays de forma a entender o que está escrito (através das imagens, dos textos, das posições sociais/religiosas/políticas – heteronormativas), que contextualizam alguns



dos livros brasileiros e estrangeiros adquiridos. Ver através da pesquisa bibliográfica se realmente falta tal literatura, como ela foi produzida e, desta forma, apresentar para o leitor essas análises.

A partir das minhas considerações iniciais nas quais explico a importância do uso da literatura infantil como uma fonte para resgatar a alteridade e a visibilidade do sujeito gay, desejo com esta pesquisa, evidenciar alguns objetivos como conhecer e analisar se estão e como estão abordando o tema do homoerotismo na Literatura Infantil, mais precisamente, de zero a cinco anos, editadas e publicadas no Brasil.

Para auxiliar na minha análise, primeiramente classificarei as publicações identificando a faixa etária para a qual essas edições estão sendo dirigidas, isto é, se são para o público infantil ou infanto-juvenil; examinarei como a temática do homoerotismo aparece na literatura brasileira para a infância. Apresentarei uma tabela com as informações contidas nas edições adquiridas (livros brasileiros e estrangeiros), no intuito de demonstrar como já foi mencionado, o título do livro, o autor, ano de publicação, o país, a editora, um breve resumo da história apresentada e uma análise crítica de toda a edição.

A literatura também produz significados e formas de representação dessa alteridade na qual fluidificam conflitos que demarcam espaços que se podem circular com certa calma, “porém, se a cultura é, [...] um território de diferenças que precisa de permanentes traduções, o problema crucial é quem traduz a quem e através de que significados” (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2000, p. 165). Também pretendo ter como objetivo conhecer o que existe de literatura brasileira para a infância que tenham como temática o homoerotismo.

Utilizo os estudos de Costa (1992, p. 21-22) para conceituar homoerotismo, na qual ele ressalta três principais razões para utilizar esse termo e não o termo “homossexualismo”:

Homoerotismo é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejos dos homens, *same-sex oriented*. [...] Primeiro, porque exclui toda e qualquer alusão à doença, desvio, anormalidade, perversão etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra “homossexual”. Segundo, porque nega a ideia de que existe algo como “uma substância homossexual” orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro, enfim, porque o termo não possui a forma substantiva que indica identidade, como no caso do “homossexualismo” de onde derivou o substantivo “homossexual”.

Como aluno do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECEM, e como professor de futuras professoras de Educação Infantil é meu desejo produzir e editar, um livro para a infância que servirá como material didático para os



professores utilizarem em seus planejamentos que explore o homoerotismo de forma contextualizada às vivências das crianças e que possibilite a visibilidade do sujeito gay, sem nenhum niilismo moral, mas como um sujeito de direito e portador de sua própria história independente da sua condição sexual.

Um final feliz... Tem alguém estudando o tema!

Os discursos que transcendem entre a homossexualidade e a normalidade perpassam além dos estereótipos construídos entre esses sujeitos nomeados. Decorrem de vertentes socioculturais com perspectivas e ambivalências que transgridem limites que o ser humano tolera dentro de normas estabelecidas muitas vezes de forma discriminatória, racista e de intencionalidades equivocadas de eugenia direcionada a um público de massa que é manipulado pela midiática excludente da sociedade.

E por dentro dessa mídia perversa encontra-se a literatura infantil, principalmente a literatura gay para a infância. Rara, quase inexistente e, muitas vezes tendenciosa, se "traveste" em comportamentos cotidianos heterossexuais para ser aceita socialmente. É notória a necessidade de enquadrar esses seres dentro dos padrões normativos hegemônicos. E a escola não fica de fora disso.

Segundo Santos (2009, p. 15),

A barreira mais forte contra o estudo, a valorização e a inclusão da teoria e da estética *Queer* no currículo é a homofobia, ou seja, o medo irracional de homossexuais perpetuado pela sociedade dominante. Desde a formação de nossa nação, estabeleceu-se um sistema de desigualdade e exploração que segrega os homens cristãos, brancos, heterossexuais [...] num lado de uma "balança de valores" e "joga" todos os *Outros* no lado oposto. Esse sistema hierárquico que se baseia na homogeneização e na simplificação de grupos complexos foi estabelecido de um modo parasitário e maniqueísta, que, necessariamente, requer a demonização e a exploração de um grupo excluído para garantir o benefício e o privilégio do outro dominante.

Precisamos de ações afirmativas para aduzir e dar mais visibilidade a comunidade homossexual e também debater em todas as instâncias, principalmente no ambiente escolar, a relação e as interpretações que fazemos sobre sexo, gênero e identidade de gênero.

Questionar essa hegemonia canônica e proporcionar espaços nos quais se possa "falar" sobre a diversidade num currículo tão enrijecido por um silenciamento cultural heteronormativo é crucial para estabelecer uma ressignificação com o "Outro".

Além de a literatura infantil poder contribuir para o desenvolvimento social e cognitivo ela deve proporcionar a criança, o prazer da fantasia e da imaginação e, também possibilitar a experiência da infinidade de emoções e sentimentos sem preconceitos, que se apresenta disposta perante a grande imensidão da diversidade humana.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A falta social é nítida diante das coletâneas de livros adquiridos até o momento. Quando adquiri alguma edição brasileira que trata do assunto, percebi como já foi dito, que na sua maioria são para o público infanto-juvenil. O Brasil tem várias publicações com temas homoeróticos para adultos, mas estou encontrando grande dificuldade em peneirar títulos para a infância. Já a realidade em outros países é bem diferente. Pelo menos, existe um maior número de publicações que possibilitam a ruptura dessas “cercas de arames farpados” socialmente construídos entre as fronteiras das identidades culturais, as quais impedem o que Silva (2001, p. 7) denominou de “processo de hibridização de identidades”. Imagino o quão profundo devem ser as estacas que sustentam essas “cercas” aqui no Brasil, demarcando fortemente os limites culturais e identitários desses sujeitos. Para isso, tentarei com esta pesquisa retirar algumas dessas farpas, propondo-me a refletir e a analisar porque elas são tão afiadas.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, vol. 1, 2 e 3, 1998.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. **A Inocência e o Vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- DIAS, Roberto M. **O príncipe, o mocinho ou o herói podem ser gays**: a análise do discurso de livros infantis abordando a sexualidade. Porto Alegre: Escândalo, 2013.
- FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente**: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Orgs.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LOURO, Guacira L. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Portugal: Porto Editora, 2000.



_____. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2013.

MAXIMILIANO, Adriana. O Patinho Agora é Gay. **Revista Veja**. Edição 1958, ano 39, n. 21, p. 116-117, 31 de mai. 2006.

MOTT, Luiz R. B. **O sexo proibido**: escravos, gays e virgens nas garras da Inquisição. Campinas: Papyrus, 1988.

REIS, Toni. **Homofobia no ambiente educacional**: o silêncio está gritando. Curitiba: Appris, 2015.

SANTOS, Rick. Subvertendo o Cânone: Literatura Gay e Lésbica no Currículo. In: **Gragoatá**. Niterói, n. 2, p. 181-189, 1º sem. 1997.

SILVA, Tomaz T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

UNESCO. O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam... São Paulo: Moderna, 2004.

UTZIG, I. L. de A.; FERREIRA, R. A. **Literatura Gay como visibilidade à comunidade LGBTTTT**. Artigo de conclusão de curso de Licenciatura plena em Letras. 2014. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/larautzig/literatura-gay-como-visibilidade-comunidade-lgbttt>> Acesso em 28 abr. 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. (Org.). **Críticas pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Estudo Culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**. v.17, n. 50, maio-ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n50/v17n50a02.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.